

FILOSOFIADODESIGN

**INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO
FILOSÓFICO NO DESIGN**

MARCOS BECCARI / DANIEL B. PORTUGAL

**CADERNO DO CURSO
CURITIBA / RIO DE JANEIRO 2014**



**FILOSOFIADODESIGN
CURSOS**





FILOSOFIA DO DESIGN
CURSOS

Este curso é uma iniciativa do site Filosofia do Design, um espaço virtual que busca promover um diálogo entre o campo do design e a tradição filosófica, incluindo suas derivações nas ciências humanas e sociais.

Conheça nosso site e acompanhe nossas reflexões:
<http://filosofiadodesign.com/>

FILOSOFIA DO DESIGN

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO NO DESIGN

O objetivo deste curso é servir como uma porta de entrada à filosofia do design para alunos que possuem pouco ou nenhum contato com a filosofia. Ele fornecerá subsídios teórico-filosóficos para a reflexão, pesquisa e produção acadêmica em design.

A reflexão adquire papel especialmente importante diante da instrumentalização do conhecimento em design, promovida tanto em muitos ambientes acadêmicos quanto, ainda mais intensamente, no mercado de atuação profissional. Felizmente, tal imperativo pragmático tem gerado profunda inquietação em muitos designers e estudantes. Este curso é especialmente direcionado a esse grupo de mentes inquietas.

AVALIAÇÃO

Presença mínima em 75% das aulas para obtenção de certificado.

PROGRAMA

Aula 1. Introdução geral.

Aula 2. Introdução à filosofia da linguagem.

Aula 3. Introdução à estética.

Aula 4. Panorama histórico de propostas e teorias para o design.

Aula 5. Design como problemática filosófica (I).

Aula 6. Design como problemática filosófica (II) e considerações finais.

PROFESSOR DO CURSO EM CURITIBA

Marcos Beccari: Doutorando em Educação na USP, designer gráfico e mestre em Design pela UFPR. Interessa-se por Filosofia, Psicologia, Teorias da Comunicação, Consumo e Educação, o que o levou a pesquisar sobre Filosofia do Design e a encarar o design como articulação simbólica na mediação ficcional que organiza o real. Além de atuar como professor e pesquisador, coordena o blog Filosofia do Design, integra o podcast AntiCast e colabora com outros blogs/revistas de design e comunicação.

PROFESSOR DO CURSO NO RIO DE JANEIRO

Daniel B. Portugal: Doutorando em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP e Designer Gráfico pela UFRJ. Atuou como professor temporário no curso Comunicação visual / design da UFRJ em 2012/2013. Co-autor do livro Existe design? (2ab, 2013). Coordenador, junto com Marcos Beccari, do Site Filosofia do Design. Reflete e pesquisa sobre temas relacionados a: ética, estética, comunicação, design e teoria da imagem. Segue uma linha de pensamento influenciada principalmente pelas propostas teóricas de: Nietzsche, Bergson, Bataille, Lacan, Foucault e Sloterdijk.

AULA 1

INTRODUÇÃO GERAL

Esta aula é dedicada a uma apresentação do curso, a uma introdução geral à filosofia e a uma delimitação preliminar desse campo de estudos que estamos chamando de filosofia do design. Aproveitaremos para abordar os inevitáveis “o que é?”: o que é filosofia, design, filosofia do design?

A aula visa fornecer direções possíveis de estudo e aprofundamento dos territórios conceituais e metodológicos pautados em torno da filosofia do design. A provocação é pensar o design sob uma perspectiva ampla que privilegie sua dimensão estética e seus processos de mediação comunicacional.

A proposta desdobra-se em , de um lado, incentivar um pensar e um fazer design que favoreça o filosofar e, de outro lado, encorajar o filosofar e o posicionamento crítico seguindo fundamentos filosóficos que nos ajudem a compreender problemas contemporâneos.

Referências introdutórias:

- BECCARI, M.; PORTUGAL, D. B. *Considerações preliminares para uma filosofia do design*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/consideracoes-preliminares-para-uma-filosofia-do-design>.
- BECCARI, M. *Notas do 1º encontro Filosofia do Design*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/notas-do-1o-encontro-filosofia-do-design/>.

Referências de base:

- BECCARI, M. *A ficção do real*: uma reflexão preliminar, a partir da Educação, sobre o Design no processo de inter-subjetivação.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?*
- FLUSSER, V. *Uma filosofia do design*: a forma das coisas.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*.
- MIZANZUK, I.; PORTUGAL, D. B.; BECCARI, M. *Existe design?* Indagações filosóficas em três vozes.
- ROSSET, C. *O real e seu duplo*: ensaio sobre a ilusão.
- ZIZEK, S. *Arriscar o impossível*.

AULA 2

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Se perguntarmos para alguém que nunca refletiu sobre linguagem para que servem as palavras, ele(a) provavelmente dirá que elas servem para fazer referência a coisas existentes no mundo. Entretanto, essa resposta logo se mostra totalmente insuficiente. Basta fazer o seguinte experimento mental: imagine que duas pessoas dispõem, dentro de um saco infinito, parecido com a sacola do Gato Félix, de todas as coisas existentes. Será que elas poderiam se comunicar facilmente apenas apontando para as coisas que elas tiram da sacola? Claramente a resposta é: não! Como alguém poderia dizer, por exemplo: eu estou ansioso por aprender mais a respeito de filosofia da linguagem?

Como resultado desse pequeno experimento, emergem algumas questões que serão abordadas nesta aula: como fazemos referências a coisas que não podemos apontar, como amor, ou unicórnio, ou o apocalipse? Como compreender palavras que não se referem a nada, como “que” ou “entretanto”? Como lidar com o fato de que podemos apontar para diversos objetos para indicar a mesma palavra e podemos indicar diversas palavras apontando para o mesmo objeto? O que define a categoria na qual cada objeto se enquadra e, assim, é nomeado? Isto é, há uma essência do objeto, que faz com que ele se enquadre em uma categoria ou é o fato de enquadrarmos objetos singulares e uma mesma categoria que lhes empresta uma identidade? Podemos mudar o nome das coisas de acordo com nossa vontade? Podemos mudar completamente o significado das palavras pela entonação ou contexto, mas será que fazemos aquilo que queremos com as palavras? Como podemos fazer coisas com as palavras, como prometer ou ensinar? Isso não mostra claramente que as palavras servem outras funções que a de fazer referência? Em que medida nós também não indicamos quem somos ao falar uma coisa ou outra? Será que a principal função da linguagem seria, como propõe Lacan, “[...] a de nos assegurar que somos, e nada mais”?

Referências introdutórias:

- PORTUGAL, D. B. *Saussure, língua, xadrez*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/saussure-lingua-xadrez>.
- PORTUGAL, D. B. *Em que medida somos colonizados pela linguagem?*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/em-que-medida-somos-colonizados-pela-linguagem>.

Referências de base:

- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*.
- DELEUZE, G. *A lógica do sentido*.
- NIETZSCHE, F. *A verdade e a mentira no sentido extramoral*.
- FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana*.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*.
- FLUSSER, V. *Língua e realidade*.
- LACAN, J. *Seminário I*.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*.
- GOODMAN, N. *Languages of art*.
- RICOEUR, P. *Hermenêutica e ideologias*.
- MERLEAU-PONTY, M. *Signos*.

AULA 3

INTRODUÇÃO À ESTÉTICA

Algumas vezes, frente a um filme, um cartaz ou uma paisagem, sentimos que eles nos impactam de uma maneira difícil de descrever, que eles nos inspiram certos sentimentos. O mesmo ocorre, de maneiras bastante diversas, se nos deparamos com uma cadeira que nos atrai por suas formas, se pensamos em alguém que gostamos ou se entramos em uma igreja durante um canto gregoriano. Como podemos pensar sobre tais sentimentos?

Estética é o ramo da filosofia que se debruça sobre a sensibilidade humana e busca compreender experiências sensíveis como aquelas relacionadas à beleza. Tradicionalmente, a beleza foi vista como algo ligado ao divino, ao Bem e à verdade. É apenas no século XVIII que a sensibilidade começa a ser vista como algo separada da razão e da moralidade, de modo que as formas de nossas experiências sensíveis precisarão ser explicadas de novas maneiras. Além disso, a beleza e outras qualidades estéticas passam a ser encaradas como experiências subjetivas e não mais como qualidades do objeto. Uma pintura, por exemplo, não é mais vista como bela em si mesma, mas apenas como podendo proporcionar alguma experiência subjetiva de beleza.

Algumas questões centrais da estética são: há uma universalidade no julgamento estético? Quais os parâmetros utilizados em um julgamento estético? Como o julgamento estético se relaciona com as faculdades desejantes e racionais em nós? A experiência estética pode nos proporcionar uma espécie de transcendência? Qual lugar e importância teria a experiência estética em nossas vidas?

Referências introdutórias:

- PORTUGAL, D. B. *A estética: considerações filosóficas na direção de um design inútil*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/a-estetica>
- BECCARI, M. *A forma além da forma*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/a-forma-alem-da-forma/>.

Referências de base:

- PLATÃO. *A república*.
- KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*.
- SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do Belo*.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia* (trad. Paulo César de Souza).
- WILDE, O. *Intentions*.
- FREUD, S. *O inquietante* (trad. Paulo César de Souza).
- BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*.
- KUNDERA, M. *A cortina*.
- BAUDRILLARD, J. *A arte da desapareição*.
- FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas*: elogio da superficialidade.
- ROSSET, C. *Fantasmagorias*.
- DELEUZE, G. *Cinema*: a imagem-movimento.
- FÉTIZON, B. *Sombra e luz*: o tempo habitado.
- ZIZEK, S. *Lacrimae rerum*: ensaios sobre cinema moderno.

AULA 4

PANORAMA HISTÓRICO DE PROPOSTAS E TEORIAS PARA O DESIGN

Há um conhecimento próprio do design? Ou este se resumiria a um aglomerado de conhecimento advindo de outras disciplinas? Seria o design uma área de “tradução” capaz de interpretar o conhecimento produzido em outras áreas? De que modo a ideia de design foi construída e desconstruída ao longo do tempo? Como podemos problematizar o design atualmente? Qual a diferença entre teoria e filosofia do design? Diante da produção histórica do design como prática sociocultural, muitos teóricos buscaram identificar um denominador comum que possa definir o que é e o que deixa de ser design. Em sentido contrário a este, o que procuramos aqui não é uma unidade de efeitos, mas uma unidade de exceção, aspectos do design que escapam ao próprio design e que o colocam como questão premente da filosofia contemporânea.

Para isso, é necessário não apenas localizar e contextualizar os discursos históricos construídos sobre a ideia de design, mas ao mesmo tempo deslocar essa ideia até o limite desses discursos que a circunscrevem. A noção de “projeto” (especialmente em sua conotação modernista), por exemplo, é moeda corrente entre as teorias do design. Um problema filosófico, então, seria especular que por trás dessa moeda existe algo muito mais amplo que o mero projetar, um design que ressoa em nossas relações sociais, afetivas e comunicacionais. Assim, em oposição ao procedimento habitual do estudo histórico e teórico do design, a operação filosófica aqui proposta reside mirar na fenda, na ruptura e na inconsistência que constituem o design como problema filosófico. Significa compreender o design não apenas como um fenômeno dado (como uma classe profissional ou uma ação direcionada a uma finalidade específica), mas como uma potência que rege a si mesma.

Referências introdutórias:

- BECCARI, M. *História e design por um caminho inverso*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/historia-e-design-por-um-caminho-inverso/>.
- BECCARI, M. *Prometheus Corporation*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/prometheus-corporation/>.

Referências de base:

- BOMFIM, G. A. *Sobre a possibilidade de uma teoria do design*.
- BECCARI, M. *Articulação Simbólica* (dissertação de mestrado).
- QUINTAVALLE, A. C. *Design: o falso problema das origens*.
- BIERUT, M.; HELFAND, J.; HELLER, S.; POYNOR, R. (orgs.). *Textos clássicos do design gráfico*.
- CARDOSO, R. *Introdução à história do design*.
- LUPTON, E. *Design, escrita, pesquisa*.
- GALLE, P. *Philosophy of design: an editorial introduction*.
- GALLE, P. *Candidate worldviews for design theory*.
- FRIEDMAN, K. *Design knowledge: context, content and continuity*.
- CROSS, N. *Forty years of design research*.
- BUCHANAN, R. *Rhetoric, Humanism and Design*.
- LOVE, T. *Constructing a coherent crossdisciplinary body of theory about designing and designs: some philosophical issues*.
- _____. *Philosophy of design: a metatheoretical structure for design theory*.

AULA 5 / 6

DESIGN COMO PROBLEMÁTICA FILOSÓFICA (I E II)

Como, afinal, podemos refletir sobre o design a partir da filosofia? Depois das três aulas anteriores, esta pergunta já terá sido parcialmente respondida: podemos pensar sobre o design diretamente através da estética e da filosofia da linguagem, ou através de uma história das propostas e teorias para o design? Serão estes alguns dos referenciais mais importantes para se pensar o design? Para responder esta pergunta, é preciso primeiro tentar definir o que é design, o que tentaremos fazer nestas aulas.

O que possuem em comum todas as abordagens filosóficas sobre o design que nos interessam -- e que apresentaremos nas aulas -- é que elas fluem na contramão da postura modernista que busca subordinar o design à função material, seja pensando que a forma elaborada no âmbito do design deva servir somente a tal função, seja pensando o design como um “a mais” depois que tal função está garantida.

Pensar o design filosoficamente é pensá-lo a partir de uma perspectiva humanística, e, portanto, de fora dessa gaiola objetivante. Sob este viés, o módulo será encerrado com a apresentação de autores selecionados (variam de acordo com cada professor), no intuito de fornecer direcionamentos para possíveis estudos mais aprofundados.

Referências introdutórias:

- PORTUGAL, D. B. *Para uma filosofia do design*. In: Filosofia do design [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/para-uma-filosofia-do-design/>.
- BECCARI, M. *Resenha de “O mundo codificado” e “Uma filosofia do design” (Vilém Flusser)*. In: Filosofia do design [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/resenha-o-mundo-codificado-uma-filosofia-do-design/>.
- BECCARI, M. *Resenha de “Senhas” (Jean Baudrillard)*. In: Filosofia do design [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/a-sombra-das-senhas-quase-silenciosas/>.

Referências de base:

- FLUSSER, V. *O mundo codificado / Uma Filosofia do Design: a forma das coisas*.
- BARTHES, R. *Semântica dos objetos*.
- LATOUR, B. *A cautious Prometheus? A few steps toward a Philosophy of Design*.
- BOUTINET, J. P. *Antropologia do Projeto*.
- BAUDRILLARD, J. *O Sistema dos Objetos*.
- STERLING, B. *Shaping Things*.
- SLOTERDIJK, P. *Esferas* (trilogia).
- ROSSET, C. *O objeto singular*.
- ZIZEK, S. *A visão em paralaxe*.